

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

ANTÓNIO TELMO, UMA DÉCADA APÓS A SUA PARTIDA

UM OLHAR DE ANTÓNIO TELMO NA SIMBÓLICA DE PRESTES JOÃO Abel de Lacerda Botelho	8
ANTÓNIO TELMO: QUEM SOU EU AQUI? Carlos Aurélio	16
DA PERIFERIA AO CENTRO Carlos Vargas	23
DIVAGAÇÕES EM TORNO DO <i>SER</i> POÉTICO-FILOSÓFICO SAUDOSO: A PROPÓSITO DOS <i>RYTHOS</i> BERGSONIANOS DE ANTÓNIO TELMO César Tomé	24
DE UMA CARTA DE ANTÓNIO TELMO SOBRE A RAINHA SANTA ISABEL Eduardo Aroso	30
ANTÓNIO TELMO E O CICLO DA HERMENÊUTICA João Luís Ferreira	37
O LETRADO ANTÓNIO TELMO Joaquim Domingues	41
ANTÓNIO TELMO: HUMILDADE ESPIRITUAL E INICIAÇÃO MAÇÓNICA Pedro Martins	44
DA CONVERSA À CONVERSÃO Pedro Sinde	62
A IDEIA DE PÁTRIA EM ANTÓNIO TELMO Renato Epifânio	64
ANTÓNIO TELMO: UMA ARTE POÉTICA PARA UMA POÉTICA DA ARTE Risoleta C. Pinto Pedro	67
UM SEGREDO DO ALTO-MAR Rodrigo Sobral Cunha	75
A REALIDADE TRANSCENDENTE E ESPIRITUAL DA REDENÇÃO DO MUNDO EM ANTÓNIO TELMO Samuel Dimas	78

NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO

ABERTURA DE “UMA VIAGEM COM PESSOA, NIETZSCHE E KIERKEGAARD” Eduardo Lourenço & Luís de Barreiros Tavares	84
EDUARDO LOURENÇO, LEITOR: REVISITAÇÃO Annabela Rita	89
CINCO PARÁGRAFOS EM CRESCENDO PARA O HOMEM QUE VENCEU A MORTE EM VIDA António José Borges	94
A MEMÓRIA E O MAL SEGUNDO EDUARDO LOURENÇO Carlos Nogueira	95
EDUARDO LOURENÇO: O ORTÓNIMO E ALGUNS DOS SEUS HETERÓNIMOS Gabriel Magalhães	106
<i>EX NIHILO NIHIL FIT</i> Isabel Ponce de Leão	108
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO José Carlos Seabra Pereira	111
DES-CONCERTANTE EDUARDO: LOUVOR E SIMPLIFICAÇÃO DE EDUARDO LOURENÇO José Eduardo Reis	112
SAUDAÇÃO AO IRMÃO HUMANO EDUARDO LOURENÇO Manuel Ferreira Patrício	118
EDUARDO LOURENÇO E O PENSAMENTO DA RELAÇÃO Maria Graciete Besse	119
<i>O LABIRINTO DA SAUDADE</i> DE EDUARDO LOURENÇO: “UMA VIAGEM DENTRO DE NÓS MESMOS” Maria Luísa de Castro Soares	125
EDUARDO LOURENÇO E A EUROPA Miguel Real	128
EDUARDO LOURENÇO COMO MITO CULTURAL Renato Epifânio	130

OUTROS VULTOS

ABRANCHES DE SOVERAL António Braz Teixeira	134
AGOSTINHO DA SILVA José Luís Basto	138
ANTÓNIO SALVADO Luís G. Soto	140
CELINA PEREIRA Elter Manuel Cartos	145
CLARICE LISPECTOR Lurdes Mara Oliveira de Albuquerque	147
CRUZEIRO SEIXAS José Almeida	150

DELFIN SANTOS Artur Mänsö.....	151
GONÇALO RIBEIRO TELLES Renato Epifânio	156
GUERRA JUNQUEIRO Mendo Castro Henriques	157
JOÃO BOAVIDA Emanuel Oliveira Medeiros	165
MÁRIO BIGOTTE CHORÃO Miguel Pedrosa Machado	170
SEBASTIÃO DA GAMA Joaquim Pinto.....	171
TORQUATO DE SOUSA SOARES António José Queiroz	175
VERÍSSIMO SERRÃO Nuno Sotto Mayor Ferrão	180
WALDEMAR BASTOS J. A. Alves Ambrósio	189

OUTROS VOOS

FÁBULA MORAL E INVENÇÃO NARRATIVA NA OBRA DE ITALO CALVINO Brunello Natale De Cusatis	194
OCASO CIVILIZACIONAL Eurico Ribeiro	199
PROLEGÓMENOS SOBRE A ORDEM ANTI-ENTRÓPICA: A VIDA COMO INSURGÊNCIA FACE AO NADA Joaquim Pinto	203
EM ESTADO DE EMERGÊNCIA: ANTES DA PANDEMIA Maria Leonor Xavier	207
CORONAVÍRUS, SOCIEDADE E DIREITO: QUESTÕES DE MORTE E DE VIDA Paulo Ferreira da Cunha	211
SOBRE A ORDEM DO/NO OCIDENTE: LIBERALISMO OU PÓS-LIBERALISMO? Pedro Velez	217
DA SIMULAÇÃO DESREFERENCIADORA COMO TOTALIDADE INTRANSPONÍVEL: UMA SUPOSIÇÃO DISTÓPICA Pedro Vistas	218
SETE DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio	224
AUTOBIOGRAFIA 8 (CONTINUAÇÃO) Samuel Dimas.....	230

EXTRAVOO

CARTAS PARA ANTÓNIO TELMO Dalila Pereira da Costa e Luís Amaro	244
--	-----

BIBLIÁGUIO

<i>AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS)</i> Miguel Real	258
<i>A VIDA IMAGINADA: TEXTOS SOBRE TEATRO E LITERATURA</i> Miguel Real	261
<i>TEORIA DA LUZ E DA PALAVRA</i> Carlos H. do Carmo Silva	265
<i>JOÃO PELA VIDA DENTRO</i> Renato Epifânio	266
<i>LUSASALÉM V</i> Renato Epifânio	267
<i>CARA DE CÃO</i> Renato Epifânio	267
<i>DO MAR: EM EXALTAÇÃO DE PORTUGAL</i> Pedro Furtado Correia	268
<i>SETEAIS EM SINTRA</i> Maria Leonor Xavier	270
<i>HOMENAGEM A AGUSTINA BESSA-LUÍS</i> José Almeida	274
<i>ANTOLOGIA: O PENSAMENTO DE ANTÓNIO SARDINHA</i> José Almeida	275
<i>LEITÃO DE BARROS, A BIOGRAFIA ROUBADA</i> José Almeida	276
<i>EDIÇÕES MIL</i>	277

POEMÁGUIO

TELMO Renato Epifânio.....	83
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO Jaime Otelo	131
SONATA N.º 9 & 10 Joel Henriques.....	132-133
TORMENTA & ROSA; CEREJA & ROSA; PESSOANA Jesus Carlos	192
NESTA VIAGEM, UM É TUDO; EPIGRAMA António José Borges	193
RECALCAMENTOS; ABANDONO Samuel Dimas	243
UMA ORAÇÃO NO TEMP(L)O Maria Luísa Francisco	246
CONVERSANDO COM SOPHIA Constança Alarcão Troni	247

EDITORIAL

A *Nova Águia* levantou o seu voo já na fase final da vida de António Telmo, mas ainda a tempo de podermos contar com a sua sempre luminosa colaboração. Isso aconteceu logo no primeiro número da Revista, com o texto “À tarde e a boas horas” e com a pré-publicação de um excerto da sua obra *A Verdade do Amor* (Zéfiro, 2008), um dos primeiros títulos da Coleção *Nova Águia*. Nos números seguintes, essa colaboração manteve-se: “Coincidências” (nº 2); “Comentário a uma Carta de Natália a Leonardo” (nº 3); “O passeio que ficou por contar” (nº 4); “Acordo e Desacordo na Língua de Portugal” (nº 5). Em Agosto de 2010, António Telmo partiu, mas houve ainda tempo para, no sexto número da Revista, no segundo semestre desse ano, lhe dedicar uma secção em sua expressa Homenagem, ainda com um texto do próprio: “O Estilo da *Renascença Portuguesa*”. Durante esta década, publicámos mais escritos seus – “Álvaro Ribeiro: Filósofo da Mediação” (nº 8); “Ao Senhor dos Mundos” (nº 11); “Natureza de Portugal” (nº 12); “O número 13: página de autobiografia espiritual” (nº 13); “Nove apontamentos inéditos” (nº 19); “Apresentação a Oriente de Estremoz de uma revista literária” (nº 20); “Diálogos do mês de Outubro (excerto)” (nº 22); “Cinco escritos inéditos” (nº 23) e “Doze apontamentos inéditos” (nº 26) –, assim acompanhando a publicação das suas *Obras Completas* que a Zéfiro tem promovido: I) *A Terra Prometida: Maçonaria, Kabbalah, Martinismo e Quinto Império* (2014); II) *Gramática Secreta da Língua Portuguesa/ Arte Poética* (2014); III) *Luís de Camões e o Segredo d’Os Lusíadas/ Páginas Autobiográficas* (2015); IV) *Filosofia e Kabbalah/ Álvaro Ribeiro e a Gnose Judaica* (2015); V) *Contos Secretos/ A Goga* (2016); VI) *Viagem a Granada/ Poesia* (2016); VII) *O Horóscopo de Portugal* (2017); VIII) *História Oculta de Portugal/ No Meio do Caminho da Vida/ Os Meus Prefácios* (2017); IX) *A Aventura Maçónica* (2018); X) *Capelas Imperfeitas* (2019).

Uma década após a sua partida, pareceu-nos o tempo próprio para darmos, de novo, destaque a António Telmo. Por isso, inicia-se este número da *Nova Águia* com mais de uma dezena de

ensaios sobre ele – seguidos de outros tantos sobre outra figura singular da cultura portuguesa que nos deixou muito recentemente: Eduardo Lourenço. Não tendo colaborado tanto na *Nova Águia* quanto António Telmo, a sua presença não deixou de ser marcante. Assim, no nº 15, em que assinalámos o centenário da Revista “Orpheu”, foi dele o ensaio de abertura – “Orfeu ou a Poesia como Realidade” –, evocação que se estendeu ao número seguinte, com a transcrição da sua Conferência de Encerramento do “Congresso 100 – Orpheu”, em que a *Nova Águia* esteve igualmente envolvida. Nos números 18º e 20º, destacamos ainda dois ensaios seus – sobre Agostinho da Silva e António Vieira, sendo que o texto mais marcante foi, decerto, uma extensa entrevista concedida a Luís de Barreiros Tavares (publicada no nº 16), depois editada em livro (*Eduardo Lourenço em roda livre*, Ed. MIL, 2016).

Se este número da *Nova Águia* se ficasse por esta dupla evocação, isso já seria decerto suficiente. Como sempre, porém, há “Outros Vultos” da cultura lusófona igualmente aqui evocados, alguns dos quais também falecidos neste último ano – falamos de Celina Pereira, Cruzeiro Seixas, Gonçalo Ribeiro Telles, Veríssimo Serrão e Waldemar Bastos. Há “Outros Vultos” e “Outros Voos” – começando por um ensaio sobre Italo Calvino, da autoria de Brunello Natale De Cusatis, decerto um dos italianos que mais e melhor conhece e ama a cultura lusófona. E há ainda – para além de duas séries de “Cartas para António Telmo”, de Dalila Pereira da Costa e Luís Amaro –, um conjunto de recensões, no nosso “Bibliáguio”, começando pela obra *As Literaturas de Língua Portuguesa (das origens aos nossos dias)*, de José Carlos Seabra Pereira (que já havíamos destacado no número anterior), e prosseguindo com quatro livros editados pelo MIL em 2020: *A Vida Imaginada: Textos sobre Teatro e Literatura*, de António Braz Teixeira, *Teoria da Luz e da Palavra*, de Luís Furtado, *João pela vida dentro*, de João Reis Gomes, e *Lusasalém V*, de Delmar Domingos de Carvalho, outro Amigo da *Nova Águia* que nos deixou neste fatídico ano.

A Direcção da *Nova Águia*



18 DE ABRIL DE 2003: Encontro com Amigos, em Vila Viçosa.



8 DE AGOSTO DE 2010: Encontro de Despedida, na Serra d'Ossa, com Pinharanda Gomes.

UM OLHAR DE ANTÓNIO TELMO NA SIMBÓLICA DE PRESTES JOÃO

Abel de Lacerda Botelho

INTRÓITO

Em 29 de Maio de 2010, António Telmo ainda fisicamente estava entre nós, e em Sesimbra, nesse dia, aquando da apresentação pública do I Volume das suas *Obras Completas*, ele escreveu-me nesse livro a seguinte dedicatória: “Ao meu querido Amigo Abel de Lacerda, lembrando o passado com os Mestres, que nos ensinaram a futurar a Pátria”.

Hoje, e antes de ter decorrido um ano após essa data, encontramos-nos aqui, a prestar uma justa homenagem, mais que merecida, a um grande Homem, a um grande Filósofo, a um grande Amigo, António Telmo. E, como modestíssima colaboração nessa homenagem, eu não podia deixar de estar presente, e de, invocando essa “dedicatória” que o António entendeu por bem escrever, tentar relacionar o pensamento e escritos de António Telmo com o que os Mestres nos ensinaram, ou seja: “A futurar a Pátria”. Por isso, escolhi este tema: “Um Olhar de António Telmo na Simbólica de Prestes João”.

I. A SIMBÓLICA DO “PRESTES JOÃO”: MITO OU REALIDADE?

Quem foi “Prestes João”? Onde se situavam as “Terras do Preste João”? Os comentadores deste assunto são unânimes em afirmar que as primeiras alusões à existência de um “Preste João”, ou “Prête Jean”, ou “Présites Joannes”, ou “Prestre Jehans”, ou de “um reino cristão governado pelo “Preste”, datam somente do tempo da segunda cruzada.

As primeiras referências conhecidas aparecem num estudo do Bispo Otão de Vreisingen, que era irmão do Imperador Conrado, a quem acompanhou na II Cruzada. Ele terá encontrado em 1145, em Roma, um bispo arménio que

viera trocar informações com o Papa Eugénio III acerca do destino dos Lugares Santos na Palestina. Este Bispo Arménio, de nome Gabola, é que refere pela primeira vez um “Presbyter Jeannes”, que seria descendente directo de um dos Reis Magos. Além disso, em Roma havia só notícia de um “Patriarcas das Índias” ligado à evangelização de S. Tomé na Índia. E esta referência é do “abade de S. Remy”, que fala da visita que, em 1122, o “Patriarka” das Índias terá feito a Roma, no tempo do Papa Calixto II.

Ainda no século XII, em 1165, é dada nota de uma carta (que se julga apócrifa) em que “O Preste” explica quem é e qual a extensão dos seus territórios. Tal carta era endereçada ao Imperador Bizantino: Manuel. O Reino de tal “Preste” abrangeria as terras de Goa e de Malaca e a dos “homens de cabeça de cão”. Os seus territórios abrangiam as três Índias: a maior, a menor e a média. Nessa carta, afirmava-se: “Preste é Preste por oferecer sacrifícios de altar – e Rei por administrar justiça e direito”. Certos comentadores, por isto, aliavam à Ideia do “Preste João” a figura Bíblica de Melquisedeque – rei do tempo de Abraão –, e a quem este prestou homenagem, pois ele também oferecia sacrifícios no altar e administrava a Justiça (*Gn. 14.38*).

Em 1170, há uma carta atribuída ao Papa Alexander, em que este se refere ao Preste por “Indorum regi” e “sacerdotum sanctissime”. A ideia do “Preste” fixa-se definitivamente quando o Bispo de Acra – Jaime de Vitry – escreve ao Papa Honório III, no início do século XIII, falando de “um Rex Judeorum” e de um “Rex Indorum”, que governaria um “populus absconsus”. Este sim, referia ele, “era cristão e poderia ser uma ponte de socorro para os outros cristãos”. Por isso, a concepção do “Preste” que havia na

ANTÓNIO TELMO: QUEM SOU EU AQUI?

Carlos Aurélio

1. O ENCONTRO

Avistei o António Telmo a meio de uma manhã de Agosto de 1979 sentado a ler à mesa de um Café em Sesimbra. Estava na sombra de um contraluz ao fundo da sala longilínea e, a minha mulher, a Luísa, disse-me: “aquele é que é o António Telmo”. Eu só o avistei como do alto de uma gávea, uma vaga de mar que se levanta e desfaz, uma sombra de ilha desenhada pela luz, um escritor a ler um livro. Liguei o quanto bastava e segui adiante nos meus 22 anos, ligeiro para a praia, era Verão e estávamos em Sesimbra. Passados três anos, a linha da vida deu-me a conhecer o Luís Paixão, arquitecto, e, também em Sesimbra, falámos toda uma tarde do que em mim foi quase uma revelação, a filosofia portuguesa e claro, de António Telmo. Em seguida, o João Tavares indicou-me uma conferência no IADE, julgo que em Novembro de 1982, no ano seguinte outra no Vale do Infante até que, passados dois anos, em 1985, António Telmo me pescou para a sua mesa no *Café Framar* em Vila Viçosa, depois do anzol do Luís: “sente-se aqui” e falámos a sós mais de uma hora sobre percepções e Leonardo da Vinci, de sonhos, sono e vigília, de imaginação e génese das imagens das que chamou fosfóricas, prévias ao adormecimento. Na semana seguinte, eu já pertencia ao “grupo” do António Telmo, melhor será dizer ao ramo dessa árvore frondosa que é a filosofia portuguesa, cuja raiz penetra a terra e a tradição pátrias e a copa aspira ao sol de Deus. A figura que avistei em Sesimbra começou a ganhar vida real em mim, foi guia e companheiro, fomos viajantes a terras novas, à ilha de sonhos a haver. Não cabem aqui, mesmo esboçados, 25 anos de intensa amizade, ainda menos a amplitude e a profundidade dos caminhos percorridos com

suas luzes e penumbras que também as houve e, não as haver com personalidade tão poderosa, seria até sinal de pouca estima. Tal relato – sempre importante – seria uma outra coisa paralela à obra editada, assaz bastante estudada e anotada, nunca definitiva em suas interpretações e florescências infinitas. Quando se conhece uma pessoa assim e de tão perto, escritor e filósofo, o que se guarda não é tanto a obra publicada que todos conhecem tão forte e de estilo próprio, plena de arte e subtileza, mas os meandros do percurso, as várzeas do convívio, os penhascos do espírito numa paisagem de sentimento e pensamento em saudade de luz indelével. O que mais marca numa personalidade assim eram os passeios peripatéticos em Vila Viçosa ou em Estremoz, à volta de praças e de filosofia, as investidas de portugalidade em territórios espirituais “profanos”, às vezes adversos, as conversas, a tertúlia, na qual ele era o centro ou, se quisermos, no símile da eclipse de que falava, o foco visível, sendo o outro, ora o oculto e a decifrar da tradição portuguesa, ora o explícito dos seus companheiros coetâneos. Tanto poderia ser tema Sampaio Bruno, Leonardo, Marinho, Álvaro Ribeiro, ou Camões, Pascoaes e Régio, como Agostinho da Silva ou Orlando Vitorino, ou então, toda a vastidão de filósofos com destaque para os clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles, como outro qualquer aspecto da arte da palavra, da estética, da vida. Raramente se falava de política ou de curiosidades vulgares e, quando acontecia, percebíamos com tristeza sincera que o tónus da conversa tinha “baixado”. Neste convívio tão especial, ficávamos longe do que a cultura vigente sabe e imagina de supostas tertúlias outras que então pululavam no país, entre cogumelos langorosos de invejas pútridas, tão

eivadas de pedantismo, maledicência e de torpe elogio mútuo. No nosso grupo, preponderava o carácter varonil dos que eram capazes de escutar verdades difíceis entre amigos que se estimavam. O António Telmo marcava o ritmo, rejeitava de si o grau de mestre e antes se permitia ser o companheiro mais velho e experiente no que chamava “grupo de investigação espiritual”. Quando cheguei, em 1985, entrei no “grupo”. Mas porquê “grupo”?

Depressa soube que quando “avistei” a silhueta do António Telmo em Sesimbra ele participava activamente, desde 1975, num grupo filosófico imbuído do ensino operativo do famoso “taumaturgo” e esoterista arménio George Ivanovitch Gurdjieff (1866-1949), liderado em Portugal pelo poeta austríaco Max Hölder (1915-1984) que se deslocava nesse intuito e quinzenalmente entre Paris e Lisboa. Quando fui “chamado” no *Café Framar*, em 1985, já o António Telmo havia saído (Abril/1980) por vicissitudes de carácter existencial e filosófico amplamente narradas em *Trabalho de Grupo*, no livro *Contos Secretos*.¹

Existem 33 cartas de Hölder dirigidas ao António Telmo, assim como indicações de mestre para discípulo, entre as quais ressaltam a operatividade do “rapell de soi” e da Lei de Três, termos retomados mormente de *Fragments d'un Enseignement Inconnu* de P. D. Ouspensky (1878-1947), outro renomado gurdjieffiano russo. Estranhamente, ou talvez não, guardo bem encadernado esse livro em casa sem nunca o ter lido, talvez por volta e meia ouvir a Telmo a frase de René Guénon: «Fujam de Gurdjieff como da peste!». O que comecei por ler (e estudar) com gosto e entusiasmo foram os livros de Rudolf Steiner. Recordo em pueril nostalgia as minhas incursões reflexivas (diria existenciais!) à volta de Goethe e, principalmente, a pedagogia sobre arte e pintura eivadas de natureza e ritmo em Steiner, tal o caso de *Nature des Couleurs*. A cor da flor-de-pessegueiro, «l'image vivante de l'âme», fazia eclodir em mim uma luz vibrante, como um adolescente em busca de tesouros em histórias de aventuras. Até quadros pintei, nessa atmosfera e viagem ao

mundo da imaginação. Estas notas pessoais têm o único fito de evidenciar o quanto no Grupo do António Telmo tudo tinha que ver com tudo em unidade verídica de vida, a tal filosofia operativa «em que o pensamento é ao mesmo tempo o ser e a pessoa», sem rupturas e artifícios eruditos, uma arte de filosofar no sentido dado por Álvaro Ribeiro, uma forma individual capaz de pensar o universal e o movimento, uma ressonância em todo o ser existencial.

O que estava em causa no ensino de Max Hölder ao qual Telmo aderiu e dele se veio a subtrair sem daí perder frutos não seria apenas a quase anulação da individualidade, método por vezes transitoriamente necessário, mas a evidente orientação esotérica de índole orientalista, ao caso tão carregada de experiências psíquicas arriscadas e até susceptíveis de fazerem perigar o destino da alma sadia. Depois do 25 de Abril, Portugal, como de resto todo o mundo cristão e ocidental desde finais do século XIX, foi sucessivamente invadido por correntes neo-orientalistas que mimetizam e até degeneram o Oriente. Álvaro Ribeiro em seu amor pátrio veio colocar em 1943 a questão de *O Problema da Filosofia Portuguesa*, não só em modo de real consciência alternativa aos modelos filosóficos da Europa Central, mas também como afirmação peremptória e nítida de Portugal ser precisamente “terra do Ocidente”. Mas se a filosofia portuguesa é problema significa que há-de ter solução humana, caso os portugueses se movam a resolvê-lo, seja pela Educação a qual precisa de escol que a movimente.

Quando cheguei ao Grupo, o cerne das reflexões e operações de alma, ainda que volteando como borboletas encantadas à volta dos “exercícios” trazidos de Hölder, já o António Telmo as impregnara da teleologia portuguesa alvarina e do criacionismo de Leonardo Coimbra. *A Alegria, a Dor e a Graça*, obra maior leonardina, bastas vezes nos servia de salmo e oração na iniciação filosófica. O colectivo orientalista passara a busca pessoal ainda que em fraterna partilha, convergente e diversa. O Grupo abriu-se em Tertúlia. Telmo recorda que achou por bem «constituir um grupo disposto a trabalhar esotericamente sobre textos portugueses. Através de vicissitudes

¹ António Telmo, “Trabalho de Grupo”, in *Contos Secretos*, Tararuga, 2007, pp. 89-111.

Lisboa, 4 de Junho de 1978

Para o meu novo Amigo Eduardo Aroso
Do António Telmo

Vale. Recebi e muito lhe agradeço O Olhar da Serra. Juntos os dois poemas e a sua comunicação de Alenquer. Eu e a minha Mulher, Maria Antónia, ficámos muito contentes. Dos quinhentos que José Marinho dizia haver em Portugal conheci alguns deles em Alenquer e o Eduardo Aroso (como os seus dois nomes conjugam bem!) pelo seu entusiasmo, no sentido etimológico do termo, deixou no meu espírito uma impressão inesquecível. Li três vezes os seus Poemas do Arquétipo e o facto de os ter lido três vezes já lhe diz como os amei.

Durante a leitura da sua comunicação não pude segui-lo bem, dado algumas dificuldades de audição que, em certos dias húmidos, pretendem em vão perturbar a minha inteligência; Ela distrai-se para se defender. Lendo-a agora, num novo ritmo da alma, tive pena de não ter podido ver logo o valor do que diz e de como o diz.

Coimbra, Alenquer e Estremoz formam o triângulo da Rainha Santa. É significativo que nos tenhamos conhecido em Alenquer, seu vértice. O seu poema, a sua Balada para Estremoz não deixa escapar a relação entre as duas cidades e entre nós dois, claro, que nos conhecemos em Alenquer.

O que mais me impressiona quando lembro a Rainha Santa Isabel é o facto de ela me aparecer como a única Santa que a história e a lenda moldaram à imagem de Nossa Senhora. Não é Isabel a Bela Isis? Não leu o Burro de Oiro de Apuleio? Se leu, vamos recordá-lo juntos; se não leu, irá lê-lo decerto depois da minha evocação.

Tinha por nome Lúcio, que é também o de um peixe do nosso Guadiana, aquele certamente cujo fel foi utilizado pelo Arcanjo São Rafael para curar Tobias da cegueira. Nos anos devassos da juventude, estabeleceu relações luxuriosas com Fotis, a criada de uma mulher rica, nobre mas feiticeira que, de noite, se transformava em águia e saía do palácio, voando para onde queria. Isto foi visto por Lúcio, jovem luxurioso mas cheio de audácia, que logo perguntou a Fótis se ela conhecia a magia capaz de o metamorfosear também em águia. Conhecia e prontificou-se a fazê-lo, mas, depois de o ter untado com um misterioso óleo todo nã como ele estava vindo do amor, enganou-se na fórmula e assim, em vez de se transformar na rainha das aves, transformou-se em burro. "Ai de mim, ai de ti! - lamentou-se a rapariga - Agora, para voltares à forma humana, só há um processo: o de comer rosas". Pô-lo fora de casa, junto a uma parede onde trepavam rosas, florescentes pois se estava em plena Primavera. O burro arqueou-se sobre as patas e, precisamente no momento